

Nelson Chaves / O índio brasileiro

Estive em novembro passado participando de um Congresso sobre nutrição e dietética infantil, como convidado, promovido pela Sociedade de Pediatria do Rio de Janeiro.

O Congresso, de alto nível, realizou-se no Sheraton Rio Hotel e contou com a participação de pediatras e nutricionistas do Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Sul do país e do Nordeste. Estavam lá, também, representantes das Nações Unidas, alguns cientistas estrangeiros, entre os quais dois famosos índios mexicanos: Joaquim Cravioto e Ramos Galvam. Cravioto meu antigo amigo e uma das maiores autoridades mundiais sobre nutrição e desenvolvimento mental; Ramos Galvam é um pediatra de renome mundial. Presidiu uma das mesas redondas das quais participei: crescimento e desenvolvimento: fatores genéticos nutricionais e hormonais.

Quando estive no México, vi uma predominância de índios estudantes da Universidade, bem como famosos professores, também índios. No Peru observei o mesmo fato. No Brasil o índio é espoliado, roubado pelo "civilizado" e conduzido à miséria com ameaça de extinção dos primeiros proprietários da terra brasileira. É tutelado como uma criança. O leader Juruna para sair do Brasil, atendendo a convite honroso da Holanda, teve de munir-se de um habeas corpus, concedido a última hora.

Um dia após o jantar conversei com Ramos Galvam e sua esposa até 2h30m da madrugada sobre vários assuntos, inclusive o índio mexicano e o índio brasileiro. Disse-lhes que o povo mexicano era bravo, ativo e generoso e que não se submetia a nenhum tipo de colonização, seja pela força ou a econômica, diplomática e cultural. Concordearam inteiramente.

No México um menino índio, chamado Juarez, quando tornou-se adulto, acreditando no seu povo, fez a independência do seu país. Os líderes indígenas mexicanos inspirados na bela civilização Asteca elevaram seu povo a mais alta categoria. Juarez continuou sendo um símbolo e o élan da alma mexicana.

No Brasil fundou-se a FUNAI, para proteger os índios, todavia logo transformou-se num órgão protetor dos perseguidores do índio. De nada valeram os esforços dos irmãos Villas Bôas e do admirável médico Noel Nutels, procurando preservar a cultura indígena, contudo protegendo o índio.

Disse muito bem o eminente professor Darcy Ribeiro que a FUNAI devia ser dirigida por antropólogos e não por militares, ou outros profissionais não especializados.

Eu estive com os Xavantes que se apresentavam fortes, alegres, saudios, porém sempre fugindo do contato com os brancos ou brancos. São profundos respeitadores da natureza e não ultrajam a ecologia como os "civilizados" que tudo destroem: árvores, animais, rios, lagos, mangues e até oceanos com a poluição industrial.

Nesta reunião deparei-me com outro contraste acintoso: o luxuoso hotel Sheraton, ao que parece com praia privada, ao lado da favela do Vidigal, situada num morro, duas vezes mais alto do que o nosso morro da Conceição. No domingo à tarde, os favelados invadiram a praia e nenhum dos hóspedes ousou descer; apenas uma nutricionista carioca foi à praia e examinou uma criança de 5 anos que ainda não ficava de pé e tinha o desenvolvimento físico e mental de uma criança de 1 ano. Disse-lhe a mãe da menina que ela passava dias alimentando-se de café ralo com açúcar. O casal, com vários filhos, não tinha trabalho certo; frequentemente desciam o morro para biscates, legais e ilegais, e quando voltavam, chegavam ao barraco no cume do morro, muito cansados e com alimentos para poucos dias.

Lembrei-me de uma nova profissão: a de mixto, originária do Recife, mencionada por uma moça que trabalha na Sociedade Josué de Castro. O mixto alguns dias da semana faz biscates e outros dias, retira de bolsas, casas comerciais, ca-

sas de família e não se considera ladrão. É cordial, não pratica violência e até ajuda os mais necessitados.

Perguntó a mim mesmo: "Por que tais contrastes ainda mais gritantes no Recife e no Nordeste?" "Por que a coexistência da grande riqueza, da opulência ostensiva e desafiante, com o submundo da miséria, onde nascem e criam-se crianças em barracos imundos, com fome e dominadas por doenças?"

Uma sociedade que tolera isto com indiferença é uma sociedade em si doente: é a tal sociedade de consumo. É a sociedade de compras e vendas, cuja tônica é o dinheiro imediatamente, destituída de valores espirituais, éticos e morais.

O homem sapiens desceu de sua posição de primata superior à máquina produtora em massa: mas não ficou satisfeito e desceu a fera, ao bruto como chamavam os filósofos gregos: ainda insatisfeito foi além da fera porque é o único animal que tortura e mata por prazer. As feras andam em bandos nas selvas, são predadoras de outros animais, mas protegem sua espécie. Matam somente por fome. Esta descida resulta certamente do materialismo da superindustrialização e supertecnologia, cujas vantagens são duvidosas. Desenvolveram-se sem a evolução ética, o que é criticada por Scrodinger no livro: "Ciência e humanismo" e no diálogo imaginário entre Thomas Henry Huxley, já falecido e Julian Huxley, seu neto. Este belo diálogo, um estudo crítico sobre duas épocas, foi sabiamente divulgado pela BBC de Londres.

Em face dos contrastes atuais, da fome e do abandono de crianças, aceitas pelo homem, pergunto: "Por onde andam o amor e o afeto? Por que apunhalam crianças de 14 anos como aconteceu recentemente, no Recife, em importante família, sob as vistas indiferentes de um soldado armado e fardado? É homem ou fera? Por que o homem não toma consciência de si e volta ao homo sapiens?"